

Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America

ISSN: 2572-3626 (online)

Volume 16

Issue 1 *Indigenous Peoples in Isolation: Terminology, Territory and Processes of Contact*

Article 5

12-15-2019

Yine Manxinerune Hoshá Hajene e a territorialidade na Terra Indígena Mamoadate, Brasil: o poder das memórias

Lucas Artur Brasil Manchineri
Povo Manxineru

Pirjo Kristiina Virtanen
Universidade de Helsinque

Maria Luiza Ochoa
Comissão Pró-Índio do Acre

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti>



Part of the Archaeological Anthropology Commons, Civic and Community Engagement Commons, Family, Life Course, and Society Commons, Folklore Commons, Gender and Sexuality Commons, Human Geography Commons, Inequality and Stratification Commons, Latin American Studies Commons, Linguistic Anthropology Commons, Nature and Society Relations Commons, Public Policy Commons, Social and Cultural Anthropology Commons, and the Work, Economy and Organizations Commons

Recommended Citation

Manchineri, Lucas Artur Brasil; Virtanen, Pirjo Kristiina; and Ochoa, Maria Luiza (2018). "Yine Manxinerune Hoshá Hajene e a territorialidade na Terra Indígena Mamoadate, Brasil: o poder das memórias," *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*: Vol. 16: Iss. 1, Article 5, 42-51. Available at: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol16/iss1/5>

This Article is brought to you for free and open access by Digital Commons @ Trinity. It has been accepted for inclusion in Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America by an authorized editor of Digital Commons @ Trinity. For more information, please contact jcostanz@trinity.edu.

Yine Manxinerune Hosha Hajene e a territorialidade na Terra Indígena Mamoodate, Brasil: o poder das memórias

Lucas Artur Brasil Manchineri

Povo Manxineru

BRASIL

Pirjo Kristiina Virtanen

Universidade de Helsinque

FINLÂNDIA

Maria Luiza Ochoa

Comissão Pró-Índio do

Acre

BRASIL

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a territorialidade dos *Yine Manxinerune Hosha Hajene* (Mashco Piro), um grupo em isolamento voluntário, estabelecida na Terra Indígena (TI) Mamoodate. Essa terra indígena tem uma extensão de 313.646 hectares e está localizada na beira do alto rio Yaco, sendo esta pertencente aos municípios de Assis Brasil e Sena Madureira, no estado do Acre.¹ Na TI Mamoodate vivem os Manxineru e Jaminawa, cujos territórios foram demarcados em 1986. Também nesta área os *Yine Manxinerune Hosha Hajene* ocupam os locais próximos aos seus limites com a fronteira peruana. Os movimentos dos *Yine Manxinerune Hosha Hajene* ocorrem em ambos os lados da fronteira, ou seja, também nas terras das comunidades nativas no Peru. Sua língua pertence à família Aruak, que se aproxima muito da fala dos Manxineru do Brasil.

Nosso ponto de partida desse artigo é a perspectiva Manxineru e suas relações criadas com as comunidades indígenas próximas e com as organizações governamentais e não-governamentais locais. As aldeias deste povo são situadas na beira do rio Yaco na TI Mamoodate e Manchineri do Seringal Guanabara e os habitantes são caçadores, pescadores e têm roçados de alta diversidade. Também vivem no rio Acre e nos centros urbanos do estado do Acre.² A maioria fala a sua língua materna, manxineru, e vários professores manxineru formados têm sido pioneiros na elaboração da educação indígena no estado do Acre.

Hoje existem vários riscos à sobrevivência dos *Yine Manxinerune Hosha Hajene*, tais como a invasão dos madeireiros, garimpeiros, petroleiros e narcotraficantes em seu território, que em entre outros problemas levam a surgimento de epidemias. De acordo com várias pesquisas, os povos em isolamento voluntário na fronteira Brasil-Peru são ameaçados pelas políticas públicas que promovem projetos de infraestrutura, como a exploração dos recursos naturais, construção de estradas, abertura de ramais, vários projetos privados (econômicos, religiosos, midiáticos e de turismo) e, ainda, atividades ilegais (Virtanen 2010; Huertas Castillo 2004; Shepard 2017). Essas ameaças também incidem em todas as comunidades nativas do Peru e do Brasil, em seus territórios e seu entorno, que já estão em contato permanente com ambos Estados nacionais da fronteira.

Entre os Manxineru, os Mashco Piro são conhecidos como *Yine Manxinerune Hosha Hajene*, que significa, literalmente, “*Yine Manxinerune* que vivem na mata,” e também se referem como “nossos parentes” (*nomolene*). Além disso, os *Yine Manxinerune Hosha Hajene* são referidos como “povo desconfiado” (*jimathojreru*), pois suas práticas mostram que eles decidiram não acreditar em pessoas estranhas. Segundo os Manxineru, Mashco Piro não sabem qual é o objetivo de todas as pessoas que vêm ao seu encontro e, por isso, são desconfiados com os que não os conhecem e se mantem isolados.

Desde o começo dos contatos os colonizadores na América, tais como padres, missionários, exploradores e viajantes que, no momento do contato, nomeavam os povos indígenas como eles pensavam o que era correto. Por exemplo, o pai do primeiro autor afirma que “no Brasil colocaram o nosso nome de Manxineru e, no Peru, colocaram de Piro, que não tem nada ver com o nosso povo. Sendo que o verdadeiro nosso povo é *Yine* (gente, nós). Tanto no Peru quanto no Brasil somos os mesmos.” Para os Manxineru, “Mashco Piro” significa uma mulher nua. Dessa forma, eles preferem não tratar os seus parentes por esse nome.

Quando discutimos a territorialidade dos *Yine Manxinerune Hosha Hajene* na TI Mamoodate, a consideramos como um espaço de atores que produzem suas sinergias através de sua relação com o meio ambiente, com a sua forma de ocupação, de preservação e de governar.

Já o termo *governança* refere-se às práticas e às maneiras de organizar, de manejar e de controlar. Os Manxineru afirmam firmemente que respeitam o território dos Yine Manxinerune Hosha Hajene. Sendo assim, neste artigo buscamos também analisar os motivos que os levaram a tomar esse posicionamento.

Os autores desse artigo são um Manxineru e duas não-indígenas, as quais têm acompanhado e colaborado com o povo Manxineru durante as duas últimas décadas. Os dados para a nossa análise foram produzidos a partir de etnografia, entrevistas pessoais e coletivas, entre outros, nas oficinas e intercâmbio dos Manxineru com os Yine no Peru entre os anos 2008 e 2018. Nos eventos formais, discutiu-se a situação dos Yine Manxinerune Hosha Hajene, fortalecendo o trabalho que os Manxineru realizam desde muito tempo atrás com esse povo. O nosso trabalho apresenta uma rede de comunidades indígenas, organizações indígenas, não-governamentais e governamentais, e como as relações entre si contribuem a atuar de forma articulada na proteção ambiental e cultural. Erazo (2011) também mostrou como as organizações indígenas atuam na governança de terras na Amazônia Equatoriana, claramente impactando na formação de cobertura florestal e paisagem. Além das relações entre esses atores diferentes, o nosso trabalho mostra como a partir da abordagem do povo Manxineru, podemos verificar que suas escolhas políticas em relação à presença dos Yine Manxinerune Hosha Hajene são baseadas fundamentalmente na memória do contato dos Manxineru com os brancos.

Os Yine Manxinerune Hosha Hajene na Terra Indígena Mamoodate

No Brasil, os Yine Manxinerune Hosha Hajene circulam nas cabeceiras do rio Yaco (*Kajpaba*) e seus afluentes, os igarapés Moa (*Molajibapha*), Marilene (*Suvabapha*), Capivara (*Tlokanbapha*) e Abismo (*Katsbluksuba*). Nas cabeceiras do rio Yaco e do igarapé Moa, a presença dos Yine Manxinerune Hosha Hajene ultrapassa os limites da TI Mamoodate, dirigindo-se aos rios que pertencem ao território peruano: Tahuamanu, Rio Las Piedras e alto Rio Madre de Dios. O conhecimento dos Manxineru e dos seus parentes “desconfiados” é bem antigo nessa área, tendo em vista que esse território é uma herança dos Yine Manxinerune Hosha Hajene, de seus ancestrais, e também dos ancestrais dos Yine (e Manxineru).

Um segundo movimento vem do lado peruano, da boca do Abismo para o rio Yaco dentro da Terra Indígena Mamoodate. Seu terceiro movimento está dentro da TI Mamoodate nas proximidades dos igarapés Abismo e Júrimagua (*Katsotabapha*), e da boca do rio Acre. Com exceção do igarapé Júrimagua, eles circulam na área há muito tempo. Os Manxineru sabem que as movimentações dos seus parentes em isolamento voluntário coincidem com os ciclos produtivos dos recursos naturais e deslocamento dos animais que a floresta e águas da TI oferecem. Por conseguinte, sua mobilidade é definida pela utilização de recursos naturais segundo as estações do ano nesta região da Amazônia. Na época de chuvas e verão, os Yine Manxinerune Hosha Hajene percorrem as partes altas do território, como as cabeceiras dos rios, enquanto no verão, as trilhas se estendem pelos médios e baixos dos rios, praias e florestas ribeirinhas.

No ano de 2011, os Yine Manxinerune Hosha Hajene passaram também a chegar ao igarapé Paulo Ramos (*Poltaba*), que fica somente a quatorze quilômetros de distância de Extrema, a maior aldeia Manxineru. Naquele ano, os Manxineru da aldeia Extrema começaram a perceber a presença dos parentes em isolamento voluntário por meio dos seus vestígios, como a presença de vários tapiris, confirmando, assim, se tratar de um acampamento abandonado—possivelmente vieram pelo Parque Estadual de Chandless, já que frequentam também o rio Chandless e seus afluentes.

Em janeiro de 2018, os Yine Manxinerune Hosha Hajene estiveram novamente na cabeceira do igarapé Paulo Ramos, vindos da direção do rio Chandless, e voltaram pela mesma direção. Segundo os Manxineru, esse fluxo, que está cada vez mais perto da aldeia Extrema, revela que o movimento dos parentes em isolamento voluntário está em mudança, tendo em vista que, anteriormente, sua transição ocorria apenas na boca do igarapé Abismo, mais distantes das aldeias Manxineru. Portanto, podemos questionar o porquê de estarem se aproximando de aldeias indígenas no Brasil.

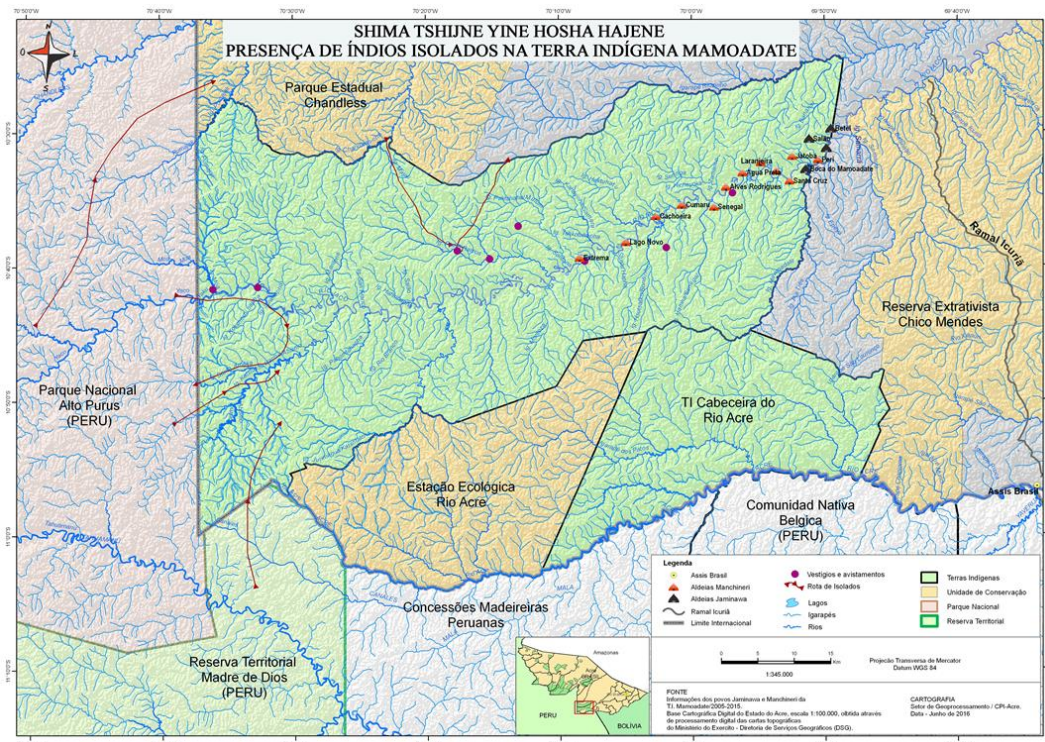


Figura 1. Mapa de presença dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene na TI Mamoodate, Brasil (CPI-ACRE).

Segundo os Manxineru, as atividades econômicas de empresas privadas e agentes ilegais assim como dos governos—principalmente a exploração dos recursos naturais e construção da estrada de Puerto Esperanza a Iñapari (no Peru)—ameaçam a organização social e a cultural dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene, que já foram atacados muitas vezes por agentes ilegais que atuam na região. Mesmo não podendo obter conhecimento significativo dessas atividades, já que são realizadas sem a consulta obrigatória dos povos indígenas locais, o peso das ameaças é sentido na TI Mamoodate.³ Além disso, segundo os Manxineru, a variedade de caça, que é o alimento principal dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene, tem diminuído devido à pressões externas. Além da falta de caça nos seus territórios, a perseguição leva-os à migração para outros lugares ou regiões em que se sintam mais seguros e protegidos. Hoje em dia, eles estão divididos em três regiões e, segundo os Manxineru, isso facilita tanto sua “correria” como estarem em isolamento voluntário. Entretanto, apesar de estarem em áreas diferentes, afirmam que em uma determinada época do ano todos se encontram. Mesmo assim, os Manxineru certificam que os Yine Manxinerune Hoshá Hajene não possuem tranquilidade para seus próprios modos de vida e para colocar em prática todos os seus conhecimentos de subsistência devido à preocupação com os invasores.

As atividades ilegais dos invasores na região dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene afetam com maior intensidade sua integridade física, visto que são muito frágeis em relação às doenças que chegam ao seu local de convivência—como a gripe e a diarreia. Dessa forma, pode acontecer a transmissão de doenças pelo contato e por objetos compartilhados. Como são grupos extremamente vulneráveis a uma série de doenças infectocontagiosas, qualquer contato com pessoas infectadas pode levá-los à extinção.

Compartilhamento dos Manxineru com os parentes Yine Manxinerune Hoshá Hajene no plano de gestão

A TI Mamoodate fornece diversos produtos, e sua terra e seus rios sustentam os Manxineru, os Jamnawá e os Yine Manxinerune Hoshá Hajene. Todavia, nos últimos anos, devido ao aumento da população Manxineru e Jamnawá, a Terra Indígena está ficando pequena para coletar, plantar, caçar e pescar. O rio Yaco nasce no território peruano e transborda em território brasileiro na fronteira entre Peru e Brasil. Esse rio é utilizado como meio de transporte e fornecimento de alimentos pelos Manxineru e Jamnawá, mas também pelos ribeirinhos não-

indígenas no território brasileiro. Na TI Mamoadate, a população total dos Manxineru é de 1.015 pessoas, sendo 159 famílias em doze aldeias, e a comunidade Jaminawa é composta por 195 pessoas, distribuídas em quarenta e seis famílias morando em quatro aldeias.⁴

Segundo os Manxineru, os Yine Manxinerune Hosha Hajene necessitam de modo crescente dessa terra para manter suas famílias e viver, pois, o seu território no Peru e sua forma de vida tradicional estão extremamente ameaçados, visto que todo o entorno da terra que pertence a eles está sob jurisdição de empresas extrativistas. Assim, tornando essas comunidades extremamente vulneráveis e com grande risco de não existirem mais em um curto espaço de tempo. Além disso, por causa da pressão de atividades ilegais que afetam a região de fronteira e seus habitantes e que não respeitam os direitos dos povos indígenas, os Manxineru vêm buscando a parceria com organizações da sociedade civil, movimentos indígenas, e com as organizações internacionais de defesa dos direitos indígenas. É importante frisar que os direitos dos povos indígenas são garantidos pela Constituição Brasileira (1988), pela Convenção 169 de OIT (1989), Agenda 21 (1992), Convenção de Diversidade Biológica (1993), Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas da ONU (2007) e outros (ver por exemplo Chen e Gilmore 2015). Todavia, as demandas locais para melhor implementação dos direitos indígenas têm representado um risco cada vez maior para essas populações indígenas.

Conseqüentemente, os Manxineru mostram a preocupação em defender os seus direitos de ocupar e de viver em sua terra, mas também os direitos dos Yine Manxinerune Hosha Hajene. Como articulador mais próximo dos parentes em isolamento voluntário, os Manxineru querem o reconhecimento de suas estratégias de proteção e de sua voz. Como diz Lázaro Artur Brasil Manchineri: “Já que nós, Manxineru, estamos protegendo os nossos parentes desde há muito tempo, porque o governo não apoia o nosso trabalho [de proteção do grupo em isolamento voluntário]?” E essa preocupação não é somente de Lázaro, mas de todos os Manxineru da TI Mamoadate. Assim, o povo Manxineru articula politicamente a proteção desse povo, buscando parceria com as instituições não governamentais e com o estado do Acre.

No Brasil, por meio das Frentes de Proteção Etnoambiental, a Coordenação Geral de Índios Isolados e Recém Contatados da Fundação Nacional do Índio (CGIIRC-Funai), que pertence ao Ministério da Justiça, é o órgão oficial responsável pela proteção dos povos indígenas isolados. No Acre, a Frente de Proteção Etnoambiental Envira (FPERE), é responsável pela proteção dos territórios dos Yine Manxinerune Hosha Hajene do lado brasileiro, bem como pelo monitoramento de seus deslocamentos. Já no lado peruano, o órgão equivalente é o Ministério da Cultura do Peru. Porém a Federación Nativa de Madre de Dios y Afluentes (FENAMAD) é a organização indígena mais atuante e pioneira em ações de proteção aos povos indígenas em isolamento voluntário da região.

A situação de vulnerabilidade dos povos indígenas isolados na fronteira Acre-Peru tem sido debatida pela sociedade civil e órgãos governamentais durante os encontros binacionais. A articulação entre as organizações indígenas, indigenistas e ambientalistas, brasileiras e peruanas, deu origem ao Grupo de Trabalho para o Monitoramento Georreferenciado de índios Isolados na região Acre-Peru (2012).

O objetivo do grupo é intercambiar experiências e informações sobre os territórios e as ameaças, e consolidar uma base de dados geográficos sobre evidências dos povos isolados na fronteira, além de propor estratégias de proteção a nível binacional por meio de um plano de ação. Este processo promoveu encontros e oficinas entre os Manxineru e os Yine na TI Mamoadate e na Comunidade Nativa Monte Salvado.

Em 2009, a Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre) em parceria com a Frente de Proteção do Rio Envira (FPERE) da Funai e o governo do estado do Acre, no âmbito do projeto *Fortalecimento dos Povos Indígenas e Conservação da Biodiversidade na Fronteira Acre/Brasil-Peru*, iniciaram as oficinas de informação e sensibilização com apoio da Rainforest Foundation Norway (RFN), tendo como objetivo apresentar e levantar informações a respeito dos povos indígenas em isolamento voluntário que habitam áreas vizinhas a seu território, bem como sobre a política indigenista oficial relacionada a estes povos (CPI-Acre 2008). Além disso, buscou-se estreitar relações entre os Manxineru e a equipe da FPERE de maneira que seus representantes possam participar nas ações destinadas à proteção dos índios isolados realizadas no Acre.

Durante as oficinas, os Manxineru decidiram coletivamente compartilhar respeitosamente uma área da sua terra com os parentes Yine Manxinerune Hosha Hajene, a qual está situada

acima do igarapé Abismo. As oficinas, apoiadas pela CPI-Ácre e planejadas e articuladas pelos líderes Manxineru, reuniram as instituições e lideranças indígenas peruanas e brasileiras. Através das oficinas, um espaço de debate foi criado entre os parceiros para buscar soluções e fortalecer a política de proteção dos Yine Manxinerune Hosha Hajene. A partir das consultas em todas as oficinas, os Manxineru elaboraram um documento final de reivindicação às autoridades brasileiras e peruanas para proteger e respeitar os direitos e os territórios do Yine Manxinerune Hosha Hajene. As lideranças decidiram se organizar para exigir mais apoio da Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato da Funai para o trabalho de proteção dos Yine Manxinerune Hosha Hajene. Entretanto, até hoje na TI do Mamoadate não existe uma base física de apoio da Funai. A comunicação é via telefones rurais, existentes na primeira e na última aldeia da Terra Indígena.

Vale ressaltar que os direitos culturais dos povos indígenas não podem existir sem a possibilidade de viver em coexistência com a terra e manejar os recursos naturais com valores indígenas. Nesse processo, que não se trata de um meio-ambiente manobrado a partir de finalidades de controle humano, mas de uma interação em que a terra em si, florestas, águas, animais e outros não-humanos emergem como atores significativos para a territorialidade especial da TI Mamoadate. Os estudos sobre a governança indígena nos outros lugares geográficos têm também mostrado o interesse dos povos indígenas em obter uma vida melhor, em reproduzir certos modos de vida e de se organizar baseada nos valores coletivos, ao invés de somente obter benefícios econômicos e materiais (Berkes 2008; Von der Porten 2012; Agrawal 2005).

Essa governança e falta de apoio foram os motivos importantes para atualizar o Plano de Gestão da Terra Indígena Mamoadate, como explica o seu documento: “Vamos nos organizar para exigir mais apoio da Coordenação Geral de índios Isolados (Funai) em nosso trabalho de proteção dos parentes Yine/ Manxineru Hosha Hajene e Txapanawa das mãos dos narcotraficantes, petroleiros, mineradores e principalmente madeireiros” (Almeida, Ochoa, e Gavazzi 2016:83). Mesmo assim, os Manxineru falam que cuidavam da integridade dos isolados mesmo antes do plano de gestão da TI Mamoadate. Visto que eles têm o mesmo direito para o uso do território que pertencem, com sua decisão de dividir o seu território com os isolados almejam ter possibilidades e condições de manter seus conhecimentos para as futuras gerações.

Troca de experiências com as comunidades Yine no Peru

Numa perspectiva territorial além das fronteiras, os Manxineru têm estabelecido estratégias de proteção dos Yine Manxinerune Hosha Hajene por meio de intercâmbios e de troca de experiências junto aos seus parentes Yine do Peru, com apoio de diversos aliados, como o povo Jaminawa da TI Mamoadate e seus vizinhos do Icuriã da Reserva Extrativista Chico Mendes. As oficinas organizadas buscaram estabelecer uma efetiva e duradoura cooperação entre os diferentes atores num processo de trabalho participativo nos dois lados da fronteira.

A situação dos Yine Manxinerune Hosha Hajene levou os representantes Manxineru do Brasil à Comunidade Nativa Monte Salvado, localizada no alto rio de Las Piedras no departamento de Madre de Dios, Peru. Atualmente, a população em Monte Salvado possui em torno de cinquenta e cinco pessoas e, entre eles, os “agentes de proteção” da própria comunidade que trabalham na preservação dos grupos isolados. Um grupo dos Manxineru aprendeu que o trabalho dos agentes conta com uma base física de apoio localizada junto à aldeia e um bom sistema de comunicação via radiofonia, telefone e internet.

Na comunidade Monte Salvado, os moradores Teodro e Romel, entre outros, narraram sobre um encontro físico com os Yine Manxinerune Hosha Hajene. As visitas ocorreram em três dias distintos no verão 2013, com um total de 23, 42 e 115 pessoas respectivamente, sendo que no primeiro dia vieram apenas os homens. Vieram do igarapé Lídia Grande (margem direita do rio Las Piedras) e se alojaram em dois acampamentos distintos e relativamente próximo à comunidade Yine em Monte Salvado. Durante as conversas, ficaram em uma praia localizada à margem esquerda do rio Las Piedras, há cerca de trinta metros da aldeia. Não atravessaram, pois o rio é empossado.⁵

Os Yine Manxinerune Hosha Hajene presentes no encontro pediram banana, cana e mandioca, e até pedaços de pano na cor vermelha (para amarrarem na cabeça). O pedido foi correspondido e panelas foram enviadas. Ainda, os Yine disseram que estão sob pressão de

peças que retiram a madeira da floresta, e fizeram uma tentativa de trocar uma criança por um cachorro da comunidade.⁶ Contaram que em sua rota de deslocamento, esse grupo de madeireiros vai e volta pelo mesmo caminho—que consiste nas cabeceiras do Las Piedras, Tahuamanu e na cabeceira do rio Acre. Além disso, jogaram flechas e deixaram um paneiro de palha de ouricuri em forma de retribuição para a comunidade Monte Salvado. Assim, essa visita disponibilizou mais informações sobre a situação dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene, que afirmaram também que têm algumas pessoas doentes no grupo, sem especificar o tipo de doença. Ainda, um rapaz estava com uma picada de arara, mas nada foi feito a respeito, evitando-se a possibilidade de transmissão de novos micro-organismos através de tratamento.

A maioria dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene que visitaram Monte Salvado eram altos e magros. Os homens possuíam cabelo preto e liso na altura dos ombros. Alguns estavam de barba e bigode, utilizavam um cinto grosso feito de cipó e braceletes de cipó amarrados nas juntas dos braços e pernas. Também alguns possuíam colares com dente de onça ou jacaré, e alguns estavam pintados de urucum em todo seu corpo (e um com jenipapo). As mulheres possuíam o mesmo tipo de cinto que os homens, mas colocavam folhas para protegerem as partes íntimas (não cobriam os seios). Algumas delas estavam com uma faixa pintada de urucum na altura dos olhos e carregavam seus filhos em uma tipóia.

Estes detalhes e outros puderam ser observados através de um vídeo que a comunidade Yine gravou das três aparições do grupo nas proximidades da aldeia. Após a reunião em Monte Salvado, esta comunidade combinou de ir até um dos acampamentos dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene utilizados no deslocamento até Monte Salvado. Entretanto, preferiram ir ao local em que tiveram a certeza de não os encontrar, prezando muito pela segurança, pois alguns indígenas já tinham sido mortos por flechas dos parentes “desconfiados.” O acampamento está localizado no igarapé Lídia Grande, de quatro quilômetros em linha reta em relação a Monte Salvado. Segundo os Yine no lado peruano, os parentes em isolamento voluntário ficaram no acampamento por alguns dias. A descrição do acampamento relata que ele era composto de vinte e seis tapiris em formato semicircular, e sua maioria com folhas de jarina e ouricuri na beira. Cada tapiri tinha uma fogueira constituída basicamente de três pedaços de madeira e, além dos tapiris localizados na beira do rio, numa distância de 500 metros, dentro da mata, foram encontradas um outro grupo dos tapiris e algumas camas.

Assim, foi feito intercâmbio e um relatório compartilhado de evidências dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene do lado peruano. Da troca de experiência gerou-se até o mapeamento sobre a dispersão e as ameaças aos Yine Manxinerune Hoshá Hajene. A nova aliança entre os Manxineru do Brasil e os Yine do Peru serviu para as articulações coletivas mais elaboradas oferecendo ferramentas para refletir sobre os processos políticos e econômicos na região, e aprimorando a dinâmica das atividades em relação ao seus parentes em isolamento voluntário.⁷

Os relatórios de monitoramento e vigilância comunitária na Mamoadate

A partir da nova mobilização na Mamoadate, criou-se uma agenda de viagens para o alto Yaco e afluentes para a elaboração de relatórios com as informações coletadas sobre a situação dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene. Assim, os Manxineru podiam melhor compartilhar a sua terra, mas também se proteger fisicamente de ataques inesperados. Esse monitoramento, por parte dos Manxineru, tem como objetivo principal mostrar que eles têm a força de lutar pelos seus direitos e também pelos direitos dos Yine Manxinerune Hoshá Hajene. O primeiro autor escreveu (Manchineri 2017) a seguinte reflexão:

Criamos uma abordagem dos dados, de forma a organizá-los de acordo com o que julgamos ser o modo como os Manxineru se organizam em sua sociedade, por termos um papel importante na proteção efetiva dos parentes em isolamento, uma real preocupação de fazer o monitoramento, a vigilância e a fiscalização dos parentes isolados de ambos lados de seus territórios onde eles habitam.

Uma realização da expedição dos Manxineru contou com o apoio do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e a Funai com a orientação da FPERE/Funai. Na viagem, participou um representante da Funai e o primeiro autor, que viajaram de Rio Branco para a TI Mamoadate

com o objetivo de qualificar as informações coletadas e melhorar o conhecimento sobre os isolados, principalmente em relação à língua.

No ano de 2017, saiu uma expedição realizada pelo primeiro autor Manxineru, a equipe da aldeia Extrema e os representantes da Funai para mapear os movimentos e as mudanças dos Yine Manxinerune Hosha Hajene na TI Mamoadate. Viajaram primeiro para a localidade onde foram vistos os vestígios dos parentes “desconfiados.” Na boca do igarapé Abismo, observaram dois rastros de pessoas na praia. Otávio Manchineri, que estava na equipe, reconheceu que para cima do local era um território habitado pelos Yine Manxinerune Hosha Hajene e deduziu que os rastros pertenciam a eles. Os rastros continuavam subindo o rio Yaco, marcando o antigo caminho onde esse povo passava todos os anos. Esse ponto virou, portanto, uma referência para os Manxineru. Continuando a subida do rio Yaco, a equipe viajou até um igarapé chamado Moinha, um local onde vestígios dos parentes isolados foram encontrados por Manxineru regularmente nos últimos cinquenta anos. Dessa vez, segundo a análise dos rastros, confirmaram que foram os parentes em isolamento que estiveram nesta mesma localidade. Essa viagem confirmou que os rastros avistados recentemente por um Manxineru na praia do igarapé Moinha foram dos Yine Manxinerune Hosha Hajene. Após ver muitos sinais dos parentes em isolamento voluntário a equipe logo voltou para trás para não entrar em conflito físico com eles.

Portanto, a meta dos Manxineru para o seu trabalho foi a de contribuir para o fortalecimento da proteção dos parentes em isolamento voluntário em um meio ambiente forte e saudável. Ao verem os seus rastros e vestígios no igarapé Moinha, os Manxineru quiseram organizar mais reuniões nas aldeias para conversar e sensibilizar a respeito do modo de vida dos Yine Manxinerune Hosha Hajene que são ameaçados em seu território. Nessa viagem de vigilância, também se confirmou as mudanças de calendário da passagem dos seus parentes: todos os anos eles passam cada vez mais próximos da comunidade Manxineru e em datas diferentes. Segundo os Manxineru essas mudanças foram feitas em função da pressão vinda de madeireiros ilegais, narcotraficantes e de outros agentes do lado peruano. Segundo os Manxineru, os parentes “desconfiados” solicitam a colaboração para respeitarem o acordo de intenções acima da boca do igarapé Abismo, estabelecido no plano de gestão da TI Mamoadate.

No entanto, apesar de alguns Manxineru terem curiosidade de ver os Yine Manxinerune Hosha Hajene, são aconselhados a evitar o encontro—pois os parentes “desconfiados” não sabem quem é seu inimigo ou seu amigo e podem flechar qualquer pessoa que avistem na frente. A governança Manxineru está baseada num acordo que afirma que ninguém da comunidade pode ultrapassar o limite combinado na cabeceira do rio Yaco.

A elaboração dos relatórios comunitários se justifica por vários motivos, sendo o principal o de documentar os dados atualizados sobre os Yine Manxinerune Hosha Hajene para serem reconhecidos pelo povo Manxineru e fora da comunidade. Entretanto, os Manxineru aguardam apoio material do Estado para continuar trabalhando na proteção dos Yine Manxinerune Hosha Hajene, especialmente quanto aos recursos para monitoramento, vigilância e realização de oficinas e intercâmbios entre os Manxineru do Brasil e Yine do Peru. O posicionamento dos Manxineru pode ser exemplificado a partir das seguintes palavras do primeiro autor que escreveu no seu relatório (Manchineri 2017):

Atualmente, temos nossa terra demarcada, o que é uma segurança, mas não podemos viver nela apenas por meio do nosso conhecimento tradicional, pois estamos cercados por limites que antes dos “brancos” não existiam. Assim a organização é de trabalhar a terra e de manter a fartura de animais necessária à nossa sobrevivência de povo em expansão . . . Assim queremos que os isolados tenham sua liberdade. A fragilidade de sua cultura, segurança alimentar deste povo se refletem nas relações, organização e estrutura social desse povo. Mencionamos a necessidade premente de proteger, de preservar e de incentivar o uso consciente do território Yine Manxineru Hosha Hajene.

O contato na memória Manxineru

Para os Manxineru, os vestígios identificados e os encontros físicos na região da fronteira Brasil-Peru são evidências que os Yine Manxinerune Hosha Hajene vivem hoje segundo valores e casamentos tradicionais. Apesar da vida deles ter mudado ao longo dos anos, segundo os Manxineru seus parentes isolados possuem conhecimentos ecológicos tradicionais, saberes

alimentares e medicinais valiosos necessários para viver bem na floresta. A cultura material e imaterial interessa aos Manxineru, pois lamentam terem perdido muitos conhecimentos durante o processo de colonização.⁸ Também o artesanato e vestuário dos Yine Manxinerune Hosha Hajene os fazem recordar e refletir sobre o tempo dos ancestrais.

Os Yine Manxinerune Hosha Hajene vivem no território que pertenceu aos seus ancestrais antes dos colonizadores quando os diversos grupos Yine tiveram autonomia administrativa de seus territórios e possuíam conhecimentos mais profundos das florestas. Para a sua sobrevivência, eles usam os recursos naturais da floresta sem muito prejudicar o meio ambiente, apesar de haver pessoas que desrespeitam e exploram a riqueza natural na região. Dessa forma, segundo os Manxineru, hoje em dia, a “correria” dos Yine Manxinerune Hosha Hajene acaba sendo reconhecida como nômade, como também é uma procura por outros lugares para poder viver e manter viva sua cultura. No meio da “correria” atual deles ainda há algumas possibilidades de praticar os conhecimentos de seus ancestrais: continuam tendo a sua vida sustentável, evitando a exploração dos recursos naturais, utilizando somente o que precisam.

Os Manxineru falam que se preocupam com o futuro de seus parentes, pois não querem que aconteça o mesmo que aconteceu com eles—foram mantidos em cativeiro por seringalistas. Foram também forçados a trabalhar no corte de seringa e nas fazendas. Realmente, a aproximação dos parentes em isolamento voluntário despertou a memória sobre o contato com a sociedade não-indígena (cf. Trouillot 1995). Os Manxineru lembram bem como foram escravizados, violentados e assassinados (cf. Albert e Ramos 2002). Quando o contato iniciou com o povo Manxineru, eles dizem que vários dos conhecimentos ancestrais foram perdidos por conta da “correria” e do trabalho escravo para os seringalistas. Afirmam que deixaram de praticar várias de suas festas tradicionais, cerimônias espirituais, brincadeiras, medicina, artesanato, cerâmicas, alimentos e outras ciências. Em razão disso, o seu próprio conhecimento e sua língua enfraqueceram muito em comparação com a época prévia ao contato. Como resultado da presença dos seus parentes em isolamento voluntário, podemos afirmar que os Manxineru vivenciam emoções diversas como a alegria de reencontrar o que já foi perdido e o sentimento de nova esperança de poder reaprender com os Yine Manxinerune Hosha Hajene, e ainda recordam as lembranças das experiências doloridas de contato e da colonização—que, na verdade, já tentaram esquecer (cf. Whitehead 2003; Ricoeur 2000).

Considerações finais

Neste presente artigo, mostramos como a territorialidade dos Yine Manxinerune Hosha Hajene, um grupo indígena em isolamento voluntário, foi criada na TI Mamoodate por vários motivos e pelas interações de vários atores indígenas, governamentais e não-governamentais. A governança dos Manxineru se materializa no uso novo da terra e dos recursos naturais no seu território e nas relações estabelecidas entre os Manxineru no Brasil, Yine no Peru e os Yine Manxinerune Hosha Hajene em ambos os lados—defendendo também os direitos bioculturais dos povos indígenas.

A territorialidade criada está fundamentalmente baseada na memória do contato dos Manxineru, e dessa memória emergem os motivos dentro da comunidade para respeitar o território dos seus parentes em isolamento voluntário. A nova territorialidade tem possibilitado a movimentação mais ampla dos Yine Manxinerune Hosha Hajene no território brasileiro, ou seja, na área de origem, onde os indígenas já viviam o conhecimento de seus ancestrais por meio de vínculos com a floresta, as águas e o parentesco. Sendo assim, a terra, seus recursos, e os conhecimentos ligados a ela levaram os Manxineru a elaborar a sua governança e a defender os *Yine Manxinerune Hosha Hajene*, bem como proteger todos os indígenas e seus espaços no rio Yaco.

Diante da intensidade da destruição ambiental causada por corporações e megaprojetos dos Estados, a implementação da governança indígena não foi criada somente por uma comunidade ou pelas comunidades indígenas, mas sim por uma atuante rede de organizações não-governamentais e de setores governamentais. Todavia, as atividades novas mostram a importância e seguimento das interações entre os Manxineru, os Yine e os grupos em isolamento voluntário. As decisões tomadas pelos três estabelecem uma governança ambiental própria (Zhourri 2008) que destoa da visão desenvolvimentista na região, a qual apoia a economia pecuária e as atividades econômicas. A continuação dessas relações é uma preocupação

para o povo Manxineru na atualidade, sobretudo em relação às futuras crianças e a reprodução da sua cultura no meio-ambiente protegido.

Notas

- ¹ Nas coordenadas geográficas S 10° 39.121' e W 070° 07.911'.
- ² Sobre os Manxineru, ver Virtanen (2012 e 2016).
- ³ Ver Convenção 169 de OIT (1989).
- ⁴ O censo levantamento realizado por questionários e por visitas nas casas em 2017 (Comissão Pró-Índio do Acre, Setor de Geoprocessamento).
- ⁵ Ver também Shepard (2017).
- ⁶ Sobre as trocas ver Opas (2016).
- ⁷ Ver também Turner e Fajans-Turner (2006).
- ⁸ Da mesma forma, os Jaminawa afirmam que, no futuro, pode ser que os indígenas recém contatados do Xinane (que os indígenas da Mamoadate chamam por Tsapanawa) sejam uma fonte de conhecimento para eles, pois falam a mesma língua. Todavia, antes do contato com eles, querem dar um tempo para a adaptação desses parentes e reforçar sua proteção junto à Funai.

Referências

- Agrawal, Arun
2005 “Environmentality: Community, Intimate Government, and the Making of Environmental Subjects in Kumaon, India.” *Current Anthropology* 46(2):161–190.
- Albert, Bruce e Ramos, Alcida
2002 *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte Amazônico*. São Paulo: UNESP.
- Almeida, Maria Inês, Maria Luiza Ochoa e Renato Antônio Gavazzi
2016 *Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Mamoadate*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre.
- Berkes, Fikret
2008 *Sacred Ecology*, 2nd edition. New York & London: Routledge.
- Chen, Cher Weixia e Michael Gilmore
2015 “Biocultural Rights: A New Paradigm for Protecting Natural and Cultural Resources of Indigenous Communities.” *International Indigenous Policy Journal* 6(3):1–17.
- Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-ACRE)
2008 *Índios isolados e dinâmicas fronteiriças no Estado do Acre: Políticas e agendas futuras para sua proteção*. Memória do Seminário, Rio Branco.
- Erazo, Juliet
2011 “Landscape ideologies, indigenous governance and land use change in the Ecuadorian Amazon, 1960–1992.” *Human Ecology* 39(4):421–439.
- Grupo Técnico de trabalho para o monitoramento georeferenciado de isolados na região Acre/Madre de Dios
2012 *Carta de intenções para criação de um Grupo Técnico de trabalho para o monitoramento georeferenciado de isolados na região Acre/Madre de Dios*.
- Huertas Castillo, Beatriz
2004 *Indigenous Peoples in Isolation in the Peruvian Amazon. Their struggle for survival and freedom*. IWGIA: Copenhagen.
- Manchineri, Lucas Artur Brasil
2017 Relatório da expedição na Terra Indígena Mamoadate, aldeia Extrema, entregue à CPI–Acre e Funai/Rio Branco.
- Opas, Minna
2016 “On the Significance of Representations Concerning Indigenous People in Voluntary Isolation.” *Tipiti: Journal of Society for the Anthropology of South America* 14(1):141–44.

- Organização Internacional do Trabalho (OIT)
1989 C169 - Sobre Povos Indígenas e Tribais.
<[https://www.ilo.org/brasil/convencoes/WCMS_236247/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasil/convencoes/WCMS_236247/lang-pt/index.htm)
- Ricoeur, Paul
2000 *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Editions du Seuil.
- Shepard, Glenn
2017 A década do contato. In Fany Ricardo e Beto Ricardo (org), *Povos Indígenas no Brasil 2011/2016*. São Paulo: Instituto Socioambiental, pp. 556–559.
- Trouillot, Michel-Rolph
1995 *Silencing the past—Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press.
- Turner, Terence e Vanessa Fajans-Turner
2006 “Political Innovation and Inter-Ethnic Alliance: Kayapo Resistance to the Developmentalist State.” *Anthropology Today* 22:3–10.
- Virtanen, Pirjo Kristiina
2010 “Vivre isolé pour rester en vie. La frontière Pérou-Brésil.” *Journal de la Société des Américanistes* 96(1):263–287.
2012 *Indigenous Youth in Brazilian Amazonia: Changing Lived Worlds*. New York: Palgrave Macmillan.
2016 Relational Centers in the Amazonian Landscape of Moving. In Nataša Gregorič and Jaka Repič (orgs), *Moving Places—Relations, Return and Belonging*. New York: Berghahn, pp. 126–147.
- Von Der Porten, Suzanne
2012 “Canadian Indigenous Governance Literature: A Review.” *AlterNative: An International Journal of Indigenous Peoples* 8(1):1–14.
- Whitehead, Neil
2003 *Histories and Historicities in Amazonia*. London: University of Nebraska Press.
- Zhou, Andréa
2008 “Justiça Ambiental, Diversidade Cultural e Accountability: Desafios para a governança ambiental.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 23(68):97–107.